



RELATOS DE EXPERIÊNCIA, DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA E APRENDIZAGEM PROFISSIONAL: OBSERVAR AS CRIANÇAS E, COM ELAS, PROMOVER PRÁTICAS PEDAGÓGICAS SIGNIFICATIVAS

Experience reports, pedagogic documentation and professional learning: observing children and, with them, promoting significant pedagogic practices

Teresa **SARMENTO**
Departamento de Ciências Sociais da Educação
Instituto de Educação, Universidade do Minho
Braga, Portugal
tsarmiento@ie.uminho.pt
<https://orcid.org/0000-0002-2371-399X> 

Marta Sofia Reis **COSTA**
Instituto de Educação
Universidade do Minho
Braga, Portugal
msofiarc01@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0004-2703-6991> 

Ana Paula Ramos Soares da **COSTA**
Instituto de Educação
Universidade do Minho
Braga, Portugal
anafpcosta@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0009-7316-5969> 

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo 

RESUMO

Este texto tem o propósito de apresentar uma análise com base em narrativas de experiência de estágio, nas quais se evidencia como a documentação pedagógica é basilar para o apoio às decisões pedagógicas imediatas e, daí, para a formação inicial de jovens educadoras, na perspectiva de *registrar e documentar movimentos de (re)existência na Educação de Infância*, sendo que isso só ganha sentido se orientada por finalidades educativas e formativas claras. A partir de uma fundamentação teórica que explicita a relevância das narrativas de práticas, com uma especial valorização da experiência, do sentido crítico e da reflexividade, são patenteados dois relatos em que se encontram evidenciadas as interações entre o estagiário e as crianças como sujeitos, que constroem as suas aprendizagens colaborativamente e, ao mesmo tempo, cada um da sua forma, numa perspectiva integrada.

PALAVRAS-CHAVE: Experiência. Reflexividade. Documentação pedagógica. Formação inicial.

ABSTRACT

This paper aims to present an analysis based on narratives of internship experience, in which it is evident how pedagogical documentation is essential for supporting immediate pedagogical decisions and for the initial training of young educators, with a view to registering and documenting movements of (re)existence in Childhood Education, and this only makes sense if guided by clear educational and training purposes. Based on a theoretical foundation that makes explicit the relevance of narratives of practices, with a special emphasis on experience, critical sense and reflexivity, two reports are patented in which the interactions between the intern and the children as subjects are highlighted, which build their learning collaboratively and, at the same time, each in their own way, in an integrated perspective.

KEYWORDS: Experience. Reflexivity. Pedagogical documentation. Initial formation.

INTRODUÇÃO

Neste texto, cuja apresentação é feita com um longo título, procuramos, a partir de relatos de experiência de estágio de duas jovens estudantes de um curso de formação inicial de educadoras/professoras¹, mostrar a relevância da documentação pedagógica em dois sentidos articulados entre si: 1) a formação profissional e 2) a promoção de práticas pedagógicas significativas com crianças.

A formação inicial de educadores de infância é um processo fundamental para garantir a qualidade da educação de crianças dos 0 aos 6 anos de idade; ora, isto exige, necessariamente, uma preparação teórica e prática sólida, que lhes permita compreender a complexidade do processo educativo e desenvolver as habilidades e competências necessárias para atuar de forma qualificada e transformadora com as crianças e a comunidade educativa alargada. A frequência de cursos especializados constitui um requisito inultrapassável para a apropriação de um conjunto alargado de saberes científicos consensualizados como fundamentais para a preparação de base para o exercício profissional numa área específica. A estimulação da reflexão crítica sobre a prática pedagógica e sobre as questões individuais, sociais, culturais e políticas que permeiam a educação e, na sua centralidade, a criança, é uma componente fulcral nesse processo formativo.

A formação de educadores de infância ocorre com jovens-adultos, ricos já de muita experiência de vida, a qual deve ser respeitada e mobilizada no processo de construção profissional, no sentido de, ao refletir no seu quotidiano pedagógico, se apropriarem subjetivamente dos sentidos que as ações desenvolvidas se integram no seu *eu*, ou seja, da posição em que cada um percebe o seu modo de ser, de ver o mundo e de se situar no mesmo. A relevância atribuída às narrativas de práticas no processo de formação decorre da crença de que ao narrar, o sujeito, neste caso, o estagiário, “enlaça nas narrativas da experiência razão e emoção, o público e o privado, o padecer e o empoderamento” (PASSEGGI, 2016, p.67).

A documentação pedagógica, entendida como base de construção dos relatos de experiências, enquanto registos produzidos pelo próprio estagiário, são fruto de uma escolha e seleção, logo, de uma reflexão, naturalmente andaimada pelos conhecimentos

¹ Os relatos de experiência são de duas coautoras deste texto, a Sofia e a Ana, concretizados durante o seu estágio em jardim de infância, no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo, realizado no Instituto de Educação da Universidade do Minho.

e opções, que contribuirão para a clarificação do acontecido, o aprofundamento dos conhecimentos teóricos e a elaboração de saberes integrados pelo sujeito em formação.

Este artigo, construído com base em relatos de práticas de duas jovens estagiárias (agora já profissionais em exercício), parte de uma abordagem a conceitos que se entendem como centrais na formação de professores, ou seja, experiência, reflexão, documentação pedagógica. Na nossa perspectiva, o estagiário é sujeito, agente de uma formação feita em coletivo com os pares profissionais, comunidades educativas e, sobretudo, com as crianças.

Depois desta abordagem, são apresentados dois relatos de práticas vivenciadas em contexto de estágio, reveladores de como a documentação pedagógica contribuiu para sustentar opções e promover reflexões contínuas, apoiando, de forma individualizada, o empoderamento profissional de cada uma das narradoras.

Na síntese final sistematizam-se as principais assertivas abordadas ao longo do texto, realçando-se a pertinência de, na formação e ação pedagógica de educadores/professores, ser basilar, de forma articulada com saberes teóricos específicos, atender a cada um enquanto ser humano em processo de aprendizagem e desenvolvimento pessoal-profissional.

UMA ABORDAGEM AOS CONCEITOS CENTRAIS

Experiência e reflexividade nos relatos de estágio

A formação inicial de professores, em Portugal, é concretizada em cursos de mestrado², constituindo o estágio um eixo central na formação, na medida em que obriga à mobilização e articulação de diferentes tipos de saberes, de ordem pessoal e profissional. Tornar-se professor é, ao mesmo tempo, um processo individual e coletivo, que exige a simbiose interna da ação, da experiência e da emoção, no sentido de se constituir como uma ação total de uma pessoa no desempenho de uma profissão do humano.

O valor formativo do estágio depende, sobretudo, além do modo como é organizado, da forma como é experienciado por cada sujeito. Isto é, o estágio é um núcleo essencial da formação, o que obriga a que se potenciem oportunidades para que

² Para conhecimento mais detalhado sobre estes cursos, consultar texto: Sarmiento, T. (2021). Contributos do estágio, numa rede colaborativa, para a construção profissional. in Paniago, R., Sarmiento, T. e Nunes (Org). *Estágio Curricular Supervisionado docente Baseado na Pesquisa: debates Lusobrasileiros* (pp. 41-60). IFRG. ISBN: 9786586074789.

o estagiário possa experienciar o seu ser e fazer docente. Dubet entende a experiência como fundamental para dar sentido às práticas sociais, definindo esse conceito como “condutas individuais e coletivas dominadas pela heterogeneidade dos seus princípios constitutivos e pela atividade dos indivíduos que devem construir o sentido das suas práticas no bojo desta heterogeneidade” (1994, p. 15). Como exploramos em texto anterior (SARMENTO, T., 2021, p. 44), “[...] nas suas experiências o estagiário lida com uma combinatória de lógicas, de situações, de posturas profissionais, de formas de ser e de fazer face às quais se posiciona, faz escolhas, traça caminhos, promovendo, dessa forma, o seu processo de constituição identitária”. O estagiário é, na perspectiva que defendemos, um sujeito crítico, cuja subjetivação, entendida como *lógica do sujeito* (DUBET, 1994), está presente nas ações que desenvolve neste devir de ser professor. Delory-Momberger (2019, p. 81), explicita que a “experiência está no coração dos processos segundo os quais biografamos as situações e os acontecimentos da nossa existência, nos quais as colocamos em forma e a que damos significado”³ salientando a importância de, no processo formativo, se atender às pessoas concretas que se encontram nesse processo, às suas vivências (experiências prévias), aos seus saberes e às suas expectativas. Momberger explana este conceito em três premissas: 1. a experiência é o que acontece com alguém e a maneira como esse sujeito vivencia subjetivamente o que acontece no centro da sua vida; 2. o processo experiencial é o de uma elaboração implícita ou explícita, de uma construção cumulativa e integrativa, envolvendo a aprendizagem e o desenvolvimento de novos recursos; 3. a experiência constitui-se por um conjunto de conhecimentos, de saberes e de competências associadas ao exercício dum arte ou mester – ao ‘exercício da vida’ -, conjunto esse que está em permanente recomposição e evolução. A pessoa em formação, enquanto investigadora, reforça a concepção da construção do *eu* a partir da experiência, mas que só ganha importância, no campo profissionalizante, porque elaborada na interação com o *outro*:

A experiência é sempre o que tenho como instância de meu ser em formação e não pode ser assimilada ou identificada com qualquer outra como tal; mas a experiência também é sempre feita e refeita, composta e recomposta, de acordo com as múltiplas e cumulativas configurações das quais minha existência (meu existir) se tece em suas interações com o mundo e com os outros⁴ (MOMBERGER, 2019, p. 85).

³ Tradução livre.

Ou seja, no foco que aqui abordamos, relevamos o valor que cada estagiário experiencia, a que dá forma, de que se apropria subjetivamente das situações em que está por inteiro, na relação com os outros (crianças/alunos, orientadores, supervisor, comunidade) e com os saberes específicos da profissão, com uma intencionalidade pedagógica que se clarifica, se fortalece, se reconfigura e reconstrói ao longo do tempo. A experiência de estágio não é algo externo ao indivíduo, não é um 'objeto' que o estagiário encontra no caminho, mas sim algo que acontece no sujeito, a que cada um, nas intersubjetividades que realiza em contexto, atribui forma própria.

Esta lógica sustenta uma mudança paradigmática do processo de estágio, passando-se da visão do estagiário que implementa técnicas e atividades para o estagiário que constrói e investiga a partir da sua própria experiência (SUÁREZ e OCHOA, 2005). Nesta linha de pensamento, as reflexões que produzem ao longo do estágio, enquanto narrativas da prática, pelo seu caráter reflexivo, potencializam os estagiários enquanto investigadores da sua própria experiência. A documentação narrativa viabiliza a transformação subjetiva (SUÁREZ e OCHOA, 2005), em que cada um, enquanto ser total, sujeito de formação, na relação com os outros, se constitui como sujeito pedagógico, com saber e discurso específico, viabilizando a sua entrada no campo profissional dos professores.

Em síntese, na perspectiva de formação que aqui se apresenta, o estágio é entendido como um processo dinâmico, no qual a experiência é reconhecida como andaime constitutivo, necessariamente partilhado entre vários atores sociais, com o propósito de promover a autonomização do aspirante a professor e o desenvolvimento profissional integrado com o desenvolvimento pessoal. Com base na sua reflexividade (o que sou, o que observo, o que faço, porque faço, como avalio o que faço, como me sinto no papel de professor), progressivamente, o estagiário vai construindo a sua profissionalidade. Espera-se, com a formação que defendemos, que na relação entre o 'eu' (estagiário) e o 'outro' (as crianças, os professores, a escola, o sistema educativo), num processo de reflexividade crítica baseada nas escolhas e na avaliação dos processos, apoiados pelos olhares do Orientador Cooperante⁵ e do Supervisor⁶, os estagiários construam saberes profissionais autênticos e estruturantes.

⁵ O Orientador Cooperante é o docente titular do grupo/turma onde o estagiário realiza as suas práticas pedagógicas, a quem cabe acompanhar e orientar o estudante em todas as atividades formativas em sala de aulas/atividades e na escola, participando no seu processo de avaliação formativa.

⁶ O Supervisor é um docente da instituição de ensino superior em que o estagiário está matriculado, que orienta, em colaboração com o Orientador Cooperante, a definição e o desenvolvimento do projeto de intervenção e investigação a ser desenvolvido pelo estagiário. Ao Supervisor cabe avaliar de forma somativa o estagiário, ouvido o mesmo e o Orientador Cooperante.

Documentação Pedagógica

A documentação pedagógica constitui, no processo de estágio, um instrumento central para ajudar o estagiário não só a rever a sua ação, mas também a identificar estratégias, processos e caminhos que o apoiem no prosseguimento do seu processo formativo. Esta é uma prática que tem sido cada vez mais valorizada na formação de educadores da infância, já substancialmente analisada por investigadores da formação de professores (SUÁREZ, 2010, 2015, 2017; OSTETTO, 2017; PARENTE, 2002, entre outros). Enquanto ferramenta pedagógica, a documentação, nas suas diferentes modalidades (notas de campo, fotos ou outros registos áudio e visuais, outras), permite registar e analisar o processo de aprendizagem das crianças, bem como a ação do educador, obrigando ao exercício de um conjunto de competências centrais para sua formação: tomada de decisão, seleção significativa, organização e planificação, reflexão, pesquisa, análise e retroação. A construção de cada um como educador é uma ação coletiva mas em que cada sujeito tem que estar por inteiro; assim, ao realizar documentação pedagógica, como nos diz Suárez (2017, p. 194), ela permite “[...] permanentes recepción, apropiación y re-significación situadas del proyecto escolar hacen que las prácticas y las experiencias escolares estén cargadas de sentidos, y de sentidos muy diversos, para quiénes las producen y las viven todos los días”.

Na medida em que o narrador se assume como sujeito na (inter)ação, enquanto narrativa de práticas, a documentação pedagógica, permite ao estagiário identificar-se e, ao mesmo tempo, recriar-se nesse processo construtivo de se fazer professor. Ao mesmo tempo, quando a documentação pedagógica é partilhada com outros (crianças, famílias, pares profissionais ou docentes da instituição formadora), o estagiário está a tornar visível, a disponibilizar e a contribuir com parte do seu saber pedagógico prático, desocultando assim modos de se tornar professor.

A documentação pedagógica pode criar espaços de diálogo e reflexão com as crianças, potenciando a auto e a hetero avaliação das crianças e dos educadores, permitindo que as crianças sejam estimuladas a refletir sobre a sua própria aprendizagem e sobre o mundo em que vivem, efetivando assim a sua participação na construção de conhecimento próprio. Além disso, a documentação pedagógica também pode ser utilizada para envolver as famílias das crianças, fazendo com que elas se sintam parte do processo educativo e contribuindo para a formação de cidadãos críticos e participativos. Nesta linha, este instrumento pedagógico pode ser um mediador

significativo nas desejáveis interações e corresponsabilizações educativas entre pais e educadores, numa prática de diálogo horizontal que mobilize o pensar, o sentir e os saberes diferenciados de uns e outros a bem do apoio às crianças.

Este aspeto implica a particular atenção para as questões éticas envolvidas nesse processo, como o respeito à privacidade das crianças e das famílias, e a importância de garantir que as informações registadas sejam utilizadas de forma responsável e comprometida.

No caso particular do curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo, ao longo do processo de estágio, como claramente se verá nas narrativas da Sofia e da Ana, os estagiários, com base na aprendizagem teórica e na sua articulação com a prática, elaboram a sua documentação pedagógica, a qual constitui a base para a realização de uma reflexão escrita semanal. Esta reflexão constitui um dispositivo de trabalho pedagógico, a qual, enquanto narrativa do vivido (MOMBERGER, 2019; SUÁREZ e OCHOA, 2005), permite que o estagiário reflita nos significados individuais das situações e, daí, na construção de conhecimentos pessoais, incentivados pela reflexão a questões como: Como me estou a construir como profissional? Como mobilizei os conhecimentos teóricos? Consegui partir das motivações das crianças e desafiá-las no caminho da aprendizagem? Como me sinto neste processo? Consigo encontrar respostas às minhas questões? e outras.

Ao promover um papel central da reflexividade do estagiário, logo, sendo auto-formativa, a documentação pedagógica e a reflexão escrita que dela decorre, é base para a sessão de supervisão a concretizar nas reuniões semanais com os colegas estagiários e o supervisor, abrindo espaço para a co-formação. Ao narrar o estagiário distancia-se da ação, descreve-a, analisa-a colaborativamente e constrói conhecimento profissionalizante.

RELATOS DE PRÁTICAS

Nas narrativas seguintes, grafadas em discurso direto por duas coautoras deste texto, primeiro a Sofia, depois a Ana, relatam projetos vivenciados em situação de estágio final no mesmo jardim de infância, em salas diferentes, com crianças entre os 4 e os 6 anos de idade, sendo evidente o papel da documentação pedagógica na base do arranque e desenvolvimento dos projetos.

Educar em e para a democracia - Sofia

Ao longo da formação acadêmica vão-nos sendo fornecidos métodos e instrumentos para observarmos cada criança e o grupo geral de jardim de infância, mas só em contexto é que conseguimos perceber como os utilizar e quais os que se aplicam melhor a cada criança/grupo. Foi através da observação participante e dos registos diários que fui fazendo, que tive oportunidade de conhecer melhor o contexto educativo do jardim de infância, desde a rotina, às interações e relações das crianças e adultos, as principais necessidades e interesses de cada criança e do grupo em geral. Neste sentido comecei por me aperceber de que o grupo tinha alguma dificuldade nas interações, sendo que havia pequenos conflitos nos momentos de partilha, cedência, escolha, mas que com a mediação do adulto acabavam por se resolver.

Além disso, num mundo onde o egoísmo e o individualismo estão cada vez mais presentes, é importante, necessário e urgente educar, desde cedo, as crianças em valores, pois sem eles ninguém progride na vida. Só assim é possível construirmos uma sociedade cada vez mais justa, centrada na dignidade humana e na ação sobre o mundo enquanto bem comum a preservar.

Deste modo, decidi focar o meu projeto de intervenção pedagógica na promoção da democracia, de forma a melhorar o clima relacional, tencionando desenvolver um projeto assente na regulação da vida em grupo, promovendo experiências de vida democrática e fazendo com que as crianças se sentissem sujeitos e agentes da democracia não só em contexto escolar, bem como na comunidade. Cito o que escrevi numa das reflexões semanais sobre a primeira semana de observação:

Relativamente aos momentos de negociação e vida democrática, como é normal nestas idades, nem sempre é fácil as crianças entenderem-se. Embora no momento de escolha das áreas a divisão tenha corrido bem, todos os dias surgiram momentos de conflito quer na partilha de brinquedos, quer no momento de partilha de vivências de manhã, em que todos tentam falar ao mesmo tempo. Nestes momentos a educadora relembra as regras delineadas no início do ano, lembrando que temos de respeitar os outros e que quando uma pessoa fala, os outros devem ouvir e esperar pela sua vez para falar (Reflexão semanal 1 – 27 de setembro a 1 de outubro de 2021).

É através da socialização democrática, “designação mais capaz de apreender os esforços orientados para o desenvolvimento sócio-moral das crianças” (Niza, 2019, p. 7), que se desenvolvem os valores essenciais para a formação de cidadãos respeitadores e solidários, ou seja, que se educa na e para a cidadania. A escola tem o papel de promover saberes e aprendizagens, mas, acima de tudo, de partilhar com as crianças valores e princípios éticos, responsabilizando-as pelos seus atos e decisões.

Como está mencionado nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE⁷), “a educação pré-escolar tem um papel importante na educação para valores, que não se “ensinam”, mas se vivem e aprendem na ação conjunta e nas relações com os outros” (Silva, et al., 2016, p. 33).

Após delineado o principal objetivo da minha intervenção, considerei interessante começar por apresentar a Malala Yousafzai, a mais jovem vencedora do prémio Nobel da Paz. Através desta atividade envolvi a temática dos direitos humanos, pois todos nós temos direitos e deveres e o “desenvolvimento e consolidação de direitos humanos é apenas possível quando as pessoas vivem numa democracia” (BECKER; RAVELOSON, 2011, p. 6), estando, por isso, a democracia e os direitos humanos intimamente ligados.

Estagiária: Conhecem a Malala?

Grupo: Não.

Estagiária: (a mostrar a fotografia da Malala) Nunca viram esta menina?

Leonardo⁸: Eu já vi na televisão !

Afonso: Eu também!

Estagiária: E sabem porque é que ela estava na televisão? O que é que ela fez?

Leonardo: Eu não sei.

Afonso: Eu também não.

Após o diálogo em torno da imagem da Malala, apresentei a sua história pela luta e defesa dos direitos das mulheres no seu país e em todo o mundo, através do livro *O Lápis Mágico de Malala*, aproveitando para conversar com o grupo sobre os direitos humanos, a liberdade e a democracia. Como referi numa das minhas reflexões semanais, com esta atividade

[...] tive como principais objetivos passar a ideia de que vivemos, quer na escola, quer na comunidade uma vida democrática; ressaltar a importância de podemos usufruir de direitos, como o da educação, da saúde e da liberdade; e que qualquer um de nós, com vontade e trabalho, pode transformar um mundo num lugar melhor, tal como Malala, que lutou pelo direito à educação das meninas do seu país (e de todo o mundo) (Reflexão semanal 6 – 9 a 12 de novembro de 2021).

Estagiária: Agora que ouvimos a história, quem é a Malala?

Luís: É uma menina que lutou para que as meninas da terra dela pudessem ir à escola.

⁷ As OCEPE constituem o instrumento curricular orientador da gestão pedagógica da Educação Pré-Escolar. Sem carácter prescritivo, este referencial enuncia as finalidades deste nível educativo, apresenta os princípios socio e psicopedagógicos principais (O desenvolvimento e a aprendizagem como vertentes indissociáveis no processo de evolução da criança; Reconhecimento da criança como sujeito e agente do processo educativo; Exigência de resposta a todas as crianças; Construção articulada do saber), propondo a promoção da aprendizagem e desenvolvimento, de forma articulada) a partir da exploração de conhecimentos científicos e culturalmente sustentáveis, organizados em quatro grandes áreas: Formação Pessoal e Social; Conhecimento do Mundo; Expressão e Comunicação. Exigência de resposta a todas as crianças; Construção articulada do saber), propondo a promoção da aprendizagem e desenvolvimento, de forma articulada) a partir da exploração de conhecimentos científicos e culturalmente sustentáveis, organizados em quatro grandes áreas: Formação Pessoal e Social; Conhecimento do Mundo; Expressão e Comunicação.

⁸ Por razões de garantir o anonimato, todos os nomes estão alterados.

Clara: Ela falou em frente a muita gente.
Estagiária: A Malala, em 2014, apenas com 17 anos, venceu o prêmio Nobel da Paz. Este é um prêmio atribuído a pessoas que lutam pelos direitos humanos. A Malala, devido à sua coragem, foi a pessoa mais jovem de todo o mundo a receber este prêmio. Isto mostra-nos que as crianças também são capazes de mudar o mundo. Lembra-se da frase que ela disse no parlamento, em frente aos deputados todos, que aparece no final do livro?
Henrique: Sim! Uma criança, um professor, um livro e uma caneta, podem mudar o mundo.
Estagiária: Exatamente. Essa é a frase que a caracteriza. Mas quem e como será que decidiram atribuir-lhe este prêmio?
Francisca: Viram que ela fez coisas boas e deram.
Estagiária: Tudo é feito em democracia, ou seja, várias pessoas em assembleia, tal como estamos aqui, falaram e debateram entre si sobre quem deveria ganhar o prêmio. Depois de falarem, chegaram a um consenso, ou seja, decidiram quem deveria ganhar. Aqui na escola vocês também têm momentos de assembleia, não é?
Leonardo: Sim, de manhã quando temos que fazer o plano diário e o contar, mostrar e escrever.
Henrique: E quando queremos mostrar o que fizemos de novo.
Estagiária: Isso é viver em democracia, em que ouvimos as ideias e escolhas de todos.

A atividade teve continuidade com a leitura de uma carta escrita por Malala no seu livro, em que fiz questão de a imprimir e colocar na caixa do correio da escola, para que as crianças sentissem que a Malala estava a falar diretamente com elas. Fomos, então, em grande grupo ao correio, retiramos a carta e sentamo-nos em roda para a partilharmos. Nesse momento lemos a carta a qual possui uma mensagem de confiança e de força para defendermos tudo aquilo em que acreditamos.

Após a leitura da carta, ofereci lápis 'mágicos'⁹ a cada criança e sugeri que, inspiradas na história da Malala, desenhassem aquilo que gostavam de transformar no mundo, surgindo ideias como: plantar árvores para termos mais espaços naturais, dar roupas às crianças mais necessitadas, visitar doentes, arranjar um lar para os cães, tornar possível a ida à escola de todas as crianças, etc.

Estagiária: Vocês gostavam de ser como a Malala e transformar um mundo num lugar melhor?
Grupo: Sim!
Estagiária: Estes são lápis mágicos, capazes de mudar o mundo. O que acham de cada um de nós pensar no que gostava de mudar no mundo para fazer os outros felizes e desenhasse essa ideia? (Todo o grupo gostou da proposta).

Visto que havia nos desenhos das crianças temáticas que se relacionavam, juntamo-nos em grande grupo e dividimos os desenhos por temáticas e cores, surgindo as seis seguintes: ambiente (verde), árvores (castanho), pobres (amarelo), doentes (bege), educação (vermelho) e animais (azul). A partir daqui, decidimos, em

⁹ Os lápis 'mágicos' são lápis normais em que foram coladas umas estrelas com a frase "Eu sou capaz de mudar o mundo!" com o intuito de dar confiança e força às crianças para lutarem por aquilo em que acreditam.

assembleia, desenvolver um projeto para cada temática de modo a concretizarmos as ideias que surgiram. A este projeto centrado na imagem da Malala demos o nome de Ideias para Mudar o Mundo e um placar com o registo das ideias foi exposto na parede da sala.

Estagiária: Já viram, temos muitas ideias comuns. O que gostavam de fazer com estas ideias?

Leonardo: Podíamos fazer projetos.

Henrique: Fazer o que desenhamos.

Estagiária: Vamos, então, começar a pensar o que podemos fazer para cada temática para conseguirmos concretizar todos estes desejos?

Grupo: Sim!

Estagiária: O que acham destas ideias serem um grande projeto inspirado na Malala?

Filipa: Sim! Podíamos dar um nome ao projeto.

(Algumas crianças foram dando ideias para o nome do projeto, sendo que depois da troca de ideias, chegamos ao consenso de que o projeto se chamaria "Ideias para Mudar o Mundo, inspiradas na Malala").

Esta atividade foi de tal forma impactante e positiva que um pequeno grupo demonstrou interesse em mandar uma carta e desenhos para a Malala. Assim, o grupo que teve essa ideia preparou uma carta e fez um desenho que foi enviado por correio para a morada da Malala.

Através desta atividade promoveu-se um desenvolvimento transversal, trabalhando as áreas de Formação Pessoal e Social, fazendo o grupo refletir sobre os direitos humanos e o que há a melhorar no mundo, promovendo a cidadania e a empatia; na área do Conhecimento do Mundo, na medida em que tomam consciência de si e do seu papel social, acedem a conhecimento de outros contextos sociais; em Expressão e Comunicação, mais concretamente na linguagem oral, a mesma foi desenvolvida através dos diálogos e das expressões de ideias, e no domínio das artes visuais as crianças exprimiram ideias através do desenho.

Como já foi supramencionado, esta atividade com origem na Malala e respetiva história deu origem a outros projetos onde as crianças demonstraram que todas têm valores, tendo sido muito relevante a forma como pais e educadores as ajudaram a sedimentar e explicitar os mesmos.

Tendo em conta todas as atividades realizadas no contexto de Educação Pré-Escolar, é possível observar o espírito solidário das crianças, demonstrado no dia a dia através das ações e das conversas diárias em que mostravam uma constante preocupação pelo próximo, arrançando soluções para ajudar os que mais precisavam. A concretização de projetos como estes, assentes na Malala – Ideias para Mudar o Mundo, permite a formação pessoal e social das crianças, tornando-as cidadãs mais atentas às necessidades do mundo que as rodeia. Como está referido nas OCEPE, é através dos

“contextos sociais em que vive, nas relações e interações com outros e com o meio, que a criança vai construindo referências, que lhe permitem tomar consciência da sua identidade e respeitar a dos outros” (SILVA, et al., 2016, p. 33). Deste modo, é essencial desenvolver desde cedo “a educação para a cidadania, enquanto formação de pessoas responsáveis, autónomas, solidárias” (SILVA, et al., 2016, p. 39).

Ao longo de todas as atividades e projetos procurei escutar sempre a voz das crianças, dando-lhes tempo para exprimirem as suas ideias e opiniões, estando isso comprovado através de alguns diálogos transcritos anteriormente. Na verdade, como está mencionado no Artigo 12.º da Convenção dos Direitos da Criança (2019, p.13), a criança tem o direito de exprimir livremente a sua opinião sobre qualquer questão, especialmente nas que lhe dizem respeito: “1. Os Estados Partes garantem à criança com capacidade de discernimento o direito de exprimir livremente a sua opinião sobre as questões que lhe respeitem, sendo devidamente tomadas em consideração as opiniões da criança, de acordo com a sua idade e maturidade”.

Neste sentido, reflito sobre a importância de ouvirmos a voz das crianças, de fazermos atividades em que têm possibilidade de se exprimirem, de guiar a prática pelo princípio de a reconhecer como ator social e como indivíduo com direito à participação. Como afirmam Soutinho e Sarmiento, T. (2011, p. 345), “ouvir a voz das crianças significa reconhecer que as crianças têm múltiplas linguagens”.

Interações entre as crianças e promoção de aprendizagem e desenvolvimento

- Ana

Para qualquer investigação é fundamental refletir sobre a forma como são feitas a recolha e tratamento de dados, e este projeto de investigação-ação, norteado por ciclos contínuos de observação, ação, análise e reflexão, não foi exceção. Tal como defende Aires (2015, p. 24), a “[...] seleção das técnicas a utilizar durante o processo de pesquisa constitui uma etapa que o investigador não pode minimizar, pois destas depende a concretização dos objetivos do trabalho de campo”.

É fundamental que o educador/professor, ao longo de toda a sua prática de intervenção, recolha informação sobre a sua própria ação no sentido de analisar com mais distanciamento os efeitos da sua prática pedagógica, tendo, para isso, que refinar de um modo sistemático e intencional o seu “olhar” sobre os aspetos acessórios ou redundantes da realidade que está a estudar, reduzindo o processo a um sistema de representação que se torne mais fácil de analisar, facilitando, assim, a fase da reflexão (LATORRE, citado por COUTINHO et al, 2009, p.22).

Assim, ao longo da minha intervenção pedagógica, foram selecionadas técnicas e instrumentos que melhor se adequavam ao grupo e às suas intenções educativas. Neste sentido, para perceber o impacto das atividades proporcionadas e compreender as interações estabelecidas entre crianças e adultos, foram realizadas observações diretas e participativas.

Depois de várias observações, decidi focar o meu projeto de intervenção pedagógica nas interações entre crianças uma vez que estas apareciam muito naturalmente, quer em momentos de projetos e de atividades como em situações ou problemas com que o grupo se ía debatendo. Partindo desta observação, decidi, então, perceber quais os benefícios das interações entre as crianças e qual o seu contributo no desenvolvimento das mesmas. Dessa forma pretendi compreender como é que as interações influenciavam e contribuía com tudo aquilo que englobam e estimulam para a criança se desenvolver.

Uma das atividades realizadas foi intitulada de "exploração das folhas caducas". Como o próprio nome indica, esta atividade teve como objetivo a exploração, por parte das crianças, do que se passa no mundo exterior perto delas, mais concretamente na mudança de estação do ano e os seus efeitos. Desta forma, esta atividade foi dividida em diversos momentos, que culminaram, naturalmente, na aprendizagem de aspetos ligados à área de Conhecimento do Mundo, mas também das outras áreas de conteúdo, Formação Pessoal e Social e Expressão e Comunicação, uma vez que procuramos sempre promover aprendizagens holísticas e não setorializadas.

Num primeiro momento, a atividade realizou-se em grande grupo e pretendia-se que as crianças fossem capazes de explorar o espaço exterior envolvente ao jardim de infância. Alguns autores referem que é essencial haver vivências lúdicas no exterior, com contacto direto com elementos naturais, pois estas "geram sentimentos de prazer, deslumbramento e liberdade e [...] contribuem para a criação de uma relação positiva com o meio" (BILTON, BENTO e DIAS, 2017, p. 28).

Depois de explorado o espaço, num diálogo sobre diferentes folhas, as crianças repararam numa mudança, o chão estava cada vez mais preenchido com as folhas das árvores. Investigaram essa mudança calcando as folhas, correndo por cima das mesmas, ouvindo o som que faziam, tocando, cheirando e tudo o que lhes apetecia fazer.

Vasco: - "A minha é a folha caduca mais pequena de toda a gente."

Estagiária: - "E qual será a maior de todas?"

Sara: - "Deixa ver, acho que é a minha" (comparando com a que achava ser a segunda maior), é, é a minha, é grande e amarela".

Vasco: - "A tua é a maior das folhas caducas, estou a ver uma bem maior ali em cima."
Maria: - "Agora deixa ver que vou pôr tudo por ordem, alguém me quer ajudar?"
E todos se voluntariaram para colocar a folha que tinham escolhido no sítio correto, por ordem crescente de tamanho.

Posteriormente, voltamos à sala com as folhas que cada um escolheu e depois da pergunta "o que podemos fazer com as folhas que recolhemos?", as respostas e interações entre eles foram abundantes. Alguns referiram "podemos ir colocar no sitio", "podemos deitar ao ar", "podemos dividir nas folhas verdes e nas castanhas" e, por fim, chegou a ideia de que:

Inês: - "Podemos pintar, professora."
Luísa: - (Enriquecendo e valorizando a ideia da amiga) "Boa ideia e, sabes, podemos colar e fazer outras coisas."
Tiago: - "Podemos colar a folha da árvore numa folha branca e fazer isso tudo".
Vicente: - "Não se diz folha da árvore, é folha caduca ou que fica na árvore, já me esqueci o nome."
Salomão: - "Persistente... e até podemos fazer desenhos, para ficar mais bonita".

No fim do diálogo chegaram a um consenso e perceberam que as folhas têm mais utilidade do que o que pensavam e que se podem explorar diversas coisas como a imaginação e a criatividade.

Desta forma, com o diálogo, cada criança teve a "oportunidade de ser escutada e de participar nas decisões relativas ao processo educativo, demonstrando confiança na sua capacidade para orientar a sua aprendizagem e contribuir para a aprendizagem dos outros" (SILVA et al., 2016, p. 9), tornando-se, assim, o principal agente da própria aprendizagem.

Individualmente deram asas à imaginação e colaram e exploraram da maneira pretendida, livremente. Foi isso que fizemos e não podia ter corrido melhor. Dividimos as crianças por pequenos grupos, cada uma colocou a folha onde e da forma que queria, fizeram pequenas obras de arte e, quando finalizada, foram capazes de explicar o que produziram.

Aquando da apresentação do trabalho elaborado perceberam que tal como as folhas eram diferentes, os desenhos também foram todos muito diferentes. Desta conclusão ainda se fez uma comparação de que as folhas são como as pessoas, todas diferentes e está tudo bem com isso, aliás, são as diferenças que nos enriquecem!

Assim, percebi que a atividade cumpriu o seu objetivo e que a longo prazo poderia produzir o efeito desejado, ou seja, uma exploração e vivência positiva em grupo uma vez que o reconhecimento do que nos rodeia é fundamental para a vida em geral. Permitiu ainda às crianças estarem em contacto direto com a natureza e, tal como

defendem Viégas e Guimarães (2004, p.57), é fundamental interligar a teoria com a prática, permitindo às crianças estar em contacto com o meio natural, promovendo “[...] as vivências e visitas aos lugares com beleza natural, os trabalhos com artes”.

Considero, assim, que a principal mensagem desta atividade foi assimilada pelas crianças e o facto destas se mostrarem interessadas e entusiasmadas durante toda a atividade, proporcionou diferentes interações ricas em conhecimento e demonstrou que estavam a fazer algo do seu interesse. Para além do referido, esta atividade permitiu a consolidação de novos conhecimentos, através de uma atividade dinâmica, criativa, significativa e inclusiva.

Realço que a documentação pedagógica, nomeadamente os registos fotográficos e os registos escritos, foram fundamentais na realização do meu projeto de intervenção pedagógica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A oportunidade de escrevermos um texto para integrar o dossier *Educação, infâncias e práxis pedagógica: registrar e documentar movimentos de (re)existência na Educação Infantil*, ofereceu-se como uma oportunidade para, em grupo de supervisão, supervisora e estagiárias, refletirmos e sistematizarmos muito do trabalho desenvolvido no ano de estágio final, no âmbito de um Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo.

Assim, partimos da concetualização teórica com que nos identificamos (o processo de formação de professores, como defende Nóvoa¹⁰ (1992), faz-se por adesão, ação e auto-consciência), para a seleção de estratos dos registos dos portefólios de estágio, reanalisando-os e reescrevendo-os para, posteriormente, realizarmos uma meta análise que nos permita aqui equacionar alguns contributos da documentação pedagógica produzida para a promoção de aprendizagem profissional enquanto educadoras de infância.

O primeiro ponto a salientar é a pertinência da realização de cursos específicos, de nível académico elevado, traduzido por exigência, teoricamente sustentados e com atualização científica permanente, norteados por ideais de educação democrática,

¹⁰ Nóvoa (1992) afirma que a construção da identidade profissional passa por um triplo processo: 1 – de adesão – o ator social começa por aderir a um conjunto de princípios e valores, adotando projetos comuns a outros professores e realizando investimentos positivos nas potencialidades das crianças; 2 – de ação – ao selecionar formas próprias de agir, o professor joga decisões de foro pessoal e profissional; 3 – de autoconsciência – a reflexão sobre a própria ação é a base de todas as decisões.

aberta, instigadora de partilha de saberes, transformadora, em que cada um se sinta efetivamente reconhecido como sujeito participativo e em relação construtiva com o Outro.

Da formação realça-se, nos tópicos abordados no presente texto, a pertinência da preparação metodológica para o exercício profissional, quer no uso e práticas de observação e registo documental, como na promoção da capacidade de formular questionamentos sucessivos, sobre o processo em ação. A observação e análise crítica dos registos elaborados nas práticas, se feitos de forma consistente, leva o estagiário a interrogar(-se), motivando-o para a pesquisa (em leituras ou outras) permanente como forma de encontrar resposta às questões que se vão colocando, bem como para a fundamentação das opções concretizadas; ou seja, a documentação pedagógica, decorrente dos processos de observação, são um “instrumento de trabalho pedagógico, como um documento reflexivo de professoras e professores, espaço no qual marcam o vivido – conquistas, descobertas, incertezas, perguntas, medos, ousadias –, e em cuja dinâmica podem apropriar-se de seus fazeres” (OSTETTO, 2017, p. 19).

O processo de reflexão – base para todo o processo - parte, assim, de vivências, de experiências significativas para o estagiário, tecidas nas interações concretizadas, em primeira mão, com as crianças – não esqueçamos que a ação pedagógica é uma atividade relacional por excelência – mas também com outros (orientador cooperante, supervisor de estágio, famílias, comunidade), tendo como suporte o *eu pessoal* e os conhecimentos específicos da profissão. É neste cruzamento que se mobilizam valores pessoais e profissionais (do jovem formando e do grupo profissional em que se está a integrar), numa perspetiva crítica sobre a sociedade real e a desejada, sobre as finalidades educativas e as estratégias selecionadas, tendo em vista, no contexto deste estudo, a edificação da educação enquanto bem comum.

A escuta ativa das crianças enquanto reconhecimento ao direito de se fazerem ouvir, como se evidencia nos relatos apresentados, são o ponto de partida para participarem na definição e desenvolvimento de projetos educativos. Esta atitude de escutar e dar sequência às propostas e interesses das crianças exige das estagiárias uma vigilância crítica permanente, pelo que o uso da documentação pedagógica constitui um grande suporte para o processo de (auto)avaliação, permitindo-lhes irem tomando posições e decisões no imediato pedagógico e, também, na definição da sua adesão a princípios educativos.

REFERÊNCIAS

AIRES, Luísa. **Paradigma qualitativo e práticas de investigação educacional**. Universidade Aberta. 1ª edição. ISBN: 978-989-97582-1-6, 2015. Disponível em: https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/2028/4/Paradigma_Qualitativo%20%281%C2%AA%20edi%C3%A7%C3%A3o_atualizada%29.pdf

BECKER, Paula; RAVELOSON, Jean-Aimé. **O que é a Democracia?** Luanda: Friedrich Ebert Stiftung, 2011. Disponível em: <https://library.fes.de/pdf-files/bueros/angola/08202.pdf>.

BILTON, Helen; BENTO, Gabriela; DIAS, Gisela. **Brincar ao ar livre**. Oportunidades de desenvolvimento e de aprendizagem fora de portas. Porto: Porto Editora. 2017.

COUTINHO, Clara; SOUSA, Adão; DIAS, Anabela; BESSA, Fátima; FERREIRA, Maria José; VIEIRA, Sandra. Investigação-acção metodologia preferencial nas práticas educativas. **Revista Psicologia, Educação e Cultura, Instituto Superior Politécnico Gaya (ISP Gaya)**. Centro de Investigação e Desenvolvimento. p. 355-379, 2009.

DUBET, François. **Sociologie de l'expérience**. Paris: Seuil, 1994.

DELORY-MOMBERGER, Christine. EXPÉRIENCE. In: DELORY-MOMBERGER, Christine (Dir), **Vocabulaire des Histoires de Vie et de la Recherche Biographique**, Toulouse: Éditions ÉRÈS, pp. 81-85, 2019.

NIZA, Sérgio. Editorial. **Escola Moderna**, 7(6), 7-8, 2019. https://issuu.com/movimentoescolamoderna5/docs/escola_moderna_serie6_2019_7.pdf

NÓVOA, António. Formação de professores e profissão docente. in Nóvoa, A. (Org.) OS professores e a sua formação. **EDUCA**, 15-33, 1992.

OSTETTO, Luciana. No tecido da documentação, memória, identidade e beleza In: OSTETTO, Luciana (Org.). **Registros na Educação Infantil: pesquisa e prática pedagógica**. Campinas, SP: Papirus, 2017.

PARENTE, Cristina. Observação: Um percurso de formação, prática e reflexão. In **A supervisão na formação de professores I: Da sala à escola**, 166-216. Porto Editora, 2002.

PASSEGGI, Conceição. Narrativas da experiência na pesquisa-formação: do sujeito epistêmico ao sujeito biográfico. **Roteiro**, [S. l.], v. 41, n. 1, p. 67-86, 2016.

SARMENTO, Teresa. Contributos do estágio, numa rede colaborativa, para a construção profissional. in Paniago, R., Sarmento, T. e Nunes (Org). **Estágio Curricular Supervisionado docente Baseado na Pesquisa: debates Lusobrasileiros** (pp. 41-60), 2021 .IFRG. ISBN: 9786586074789.

SILVA, Isabel Lopes; MARQUES, Liliana; MATA, Lourdes; ROSA, Manuela. **Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar**. Lisboa: Direção Geral da Educação, 2016.

SOUTINHO, Florbela; SARMENTO, Teresa. A voz das crianças: uma análise das actividades de enriquecimento curricular **[Ata de conferência]**. **XI Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia**, Corunha, 2011. <https://hdl.handle.net/1822/39989>

SUÁREZ, Daniel. Conversas sobre formação de professores, práticas e currículos. **Revista Teias**, v. 18, n. 50, pp.193-209, 2017.

SUÁREZ, Daniel. Relatos de experiencia, redes pedagógicas y prácticas docentes: documentación narrativa de experiencias escolares en el nivel inicial. En: MURILLO ARANGO, Gabriel Jaime (Comp.). **Narrativas de experiencia en educación y pedagogía de la memoria**. Buenos Aires: Editorial FFyL-/UBA-Editorial Universidad de Antioquia-CLACSO, 2015.

SUÁREZ, Daniel. La documentación narrativa de experiencias pedagógicas como estrategia de indagación-acción-formación de docentes. En: PASSEGGI, M.C.; DE SOUZA, E.C. (Orgs.). **Memoria docente, investigación y formación**. Buenos Aires: Editorial FFyL-UBA/Clacso, 2010.

SUÁREZ, Daniel; OCHOA, Liliana. **La documentación narrativa de experiencias pedagógicas**. Una estrategia para la formación de docentes. Buenos Aires: MECyT/OEA, 2005.

UNICEF. **Convenção sobre os Direitos da Criança e Protocolos Facultativos**. 2019. [https://www.unicef.pt/media/2766/unicef_convenc-a-o-dos-direitos-da-crianca.pdf](https://www.unicef.pt/media/2766/unicef_convenc-o-dos-direitos-da-crianca.pdf)

VIÉGAS, Aline; GUIMARÃES, Mauro. Crianças e educação ambiental na escola: associação necessária para um mundo melhor? Brasília: **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, nº 0, pp.56-62, 2004.

NOTAS

TÍTULO DA OBRA

RELATOS DE EXPERIÊNCIA, DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA E APRENDIZAGEM PROFISSIONAL: OBSERVAR AS CRIANÇAS E, COM ELAS, PROMOVER PRÁTICAS PEDAGÓGICAS SIGNIFICATIVAS

Experience reports, pedagogic documentation and professional learning: observing children and, with them, promoting significant pedagogic practices

Teresa Sarmento

Doutorada em Estudos da Criança
Universidade do Minho
Departamento de Ciências Sociais da Educação
Braga, Portugal

tsarmento@ie.uminho.pt

<https://orcid.org/0000-0002-2371-399X>

Marta Sofia Reis Costa

Mestre em Educação de Infância e Ensino do 1º Ciclo
Instituto de Educação
Universidade do Minho
Braga, Portugal

msofiarc01@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0004-2703-6991>

Ana Paula Ramos Soares da Costa

Mestre em Educação de Infância e Ensino do 1º Ciclo
Instituto de Educação
Universidade do Minho
Braga, Portugal

anafpcosta@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0009-7316-5969>

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA DO PRINCIPAL AUTOR

Instituto de Educação-Institute of Education. Universidade do Minho-University of Minho.
Campus de Gualtar 4750-057, Braga, Portugal

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: T. Sarmento; M. S. Costa, A. P. Costa.

Coleta de dados: M. S. Costa, A. P. Costa.

Análise de dados: M. S. Costa, A. P. Costa.

Discussão dos resultados: T. Sarmento; M. S. Costa, A. P. Costa.

Revisão e aprovação: T. Sarmento

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

O conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo não está disponível publicamente.

FINANCIAMENTO

Este trabalho foi financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito dos projetos do CIEC (Centro de Investigação em Estudos da Criança da Universidade do Minho) com as referências UIDB/00317/2020 e UIDP/00317/2020

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES – uso exclusivo da revista

Márcia Buss-Simão.

HISTÓRICO – uso exclusivo da revista

Recebido em: 16-05-2023 – Aprovado em: 24-09-2023